

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

CARLA FREDERICHs FERNANDES BRAZ

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O romance “*Senhora*”, publicado em 1875, em forma de folhetim, de José de Alencar, é um dos exemplares da temática urbana da prosa alencariana. Ao falar sobre o romance entre Aurélia Camargo e Fernando Seixas, José de Alencar leva o leitor a pensar a respeito da influência do dinheiro nas relações amorosas e sociais, e também sobre os casamentos da época. O trecho a seguir pertence ao primeiro capítulo da obra.

Senhora

PRIMEIRA PARTE

O Preço

I

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa.

Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia.

Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros.

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

ALENCAR, José de. Senhora. 6 ed. São Paulo: FTD, 2000, p.1-2

VOCABULÁRIO

Abjeta: Pessoa desprezível.

Alabastro:

Ascensão: ação ou resultado de ascender, atingir o ponto mais elevado.

Avidez: Estado de grande ansiedade, provocado por expectativa ou espera.

Bacante: Mulher sem pudor, de costumes dissolutos.

Cetro: Bastão usado como símbolo da autoridade real, ger. empunhado pelo monarca na mão direita.

Chispas: Partícula incandescente, que se desprende de material sólido em combustão ou de um corpo que se choca ou atrita com outro.

Condescender: Ceder voluntariamente (à vontade, ao pedido de alguém)

Deferências: Que defere, concede (o que se solicitou).

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 1

No **trecho**: “Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-**la** os noveleiros”, a palavra em destaque refere-se a:

- a) Coisa
- b) Aurélia
- c) Noveleiros
- d) Comentários
- e) Malévolos

Habilidade trabalhada

Reconhecer mecanismos de coesão referencial e sequencial.

Resposta comentada

Para se fazer a elucidação dessa questão, é necessário que o professor comente no quadro alguns conceitos sobre os tipos de coesão, a saber: Para que um texto apresente coesão, devemos escrever de maneira que as ideias se liguem umas às outras, formando um fluxo lógico e contínuo. Quando um texto está coeso, temos a sensação de que sua leitura se dá com facilidade. Alcançamos a coesão referencial utilizando expressões que retomam ou antecipam nossas ideias: Ex.: Eu comprei a blusa, mas penso em lavá-la antes de usar. O termo em negrito (pronome oblíquo) está retomando a palavra blusa, já dita anteriormente, a fim de se evitar a repetição desnecessária dos termos. Desse modo, fica bastante claro que a resposta correta é a opção **B**.

TEXTO GERADOR II

O romance “*Iracema*”, publicado em 1865, é um dos exemplares da temática indianista de José de Alencar, juntamente com “*O Guarani*” e “*Ubirajara*”. O romance conta, de forma poética, o amor quase impossível entre um branco, Martim Soares Moreno, pela bela índia Iracema, a virgem dos lábios de mel e de cabelos mais negros que a asa da graúna e explica poeticamente as origens da terra natal do autor, o Ceará.

1

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcíone buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora;

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema!...

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da

terra; a espaços o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o jirau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

ALENCAR, José de. Iracema. 8 ed. São Paulo: FTD, 2001, p.1-2.

VOCABULÁRIO

Afouta: atrevida, corajosa.

Alcione: Ave mitológica de canto prantivo que os gregos consideravam de bom augúrio.

Carnaúba: Espécie de palmeira, originária do Nordeste do Brasil.

Frondes: folheatura, foliação.

Impetuosa: forte, intenso.

Infortúnio: desgraça, desventura, infelicidade.

Intermitente: Que se interrompe e recomeça a intervalos.

Jandaia: Designação comum a algumas espécies de aves do gênero Aratinga.

Jirau: Armação feita com varas usada como suporte para construção de casas em lugares úmidos ou alagados.

Lufada: Vento forte, repentino e passageiro.

Rafeiro: Diz-se do homem observador e vigilante.

Tênue: Que é delgado, frágil.

Veloce: O mesmo que veloz.

TEXTO GERADOR III

O romance “*O Guarani*”, foi publicado inicialmente em 1875, em forma de folhetim. A obra se articula a partir de alguns fatos: a devoção e fidelidade de Peri, índio goitacá, a

Cecília; o amor de Isabel por Álvaro, e o amor deste por Cecília; a morte accidental de uma índia aimoré por D. Diogo e a consequente revolta e ataque dos aimorés, tudo isso ocorrendo com uma rebelião dos homens de D. Antônio, liderados pelo ex-frei Loredano, homem ambicioso e mau-caráter, que deseja saquear a casa e raptar Cecília.

IV

CAÇADA

Quando a cavalgata chegou à margem da clareira, ai se passava uma cena curiosa.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarneçada de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham rogar com as pontas negras o pescoço flexível.

Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida.

Segurava o arco e as flechas com a mão direita calda, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forçado de pau enegrecido pelo fogo.

Perto dele estava atirada ao chão uma clavina tauxiada, uma pequena bolsa de couro que devia conter munições, e uma rica faca flamenga, cujo uso foi depois proibido em Portugal e no Brasil.

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distancia, e se agitava imperceptivelmente.

Ali por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

*ALENCAR, José de. **O Guarani**. 8 ed. São Paulo: FTD, 2001, p.13.*

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

A partir da leitura do fragmento acima, explique como o índio era retratado por José de Alencar em suas obras. Justifique sua resposta com partes do texto.

Habilidade trabalhada

Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.

Resposta comentada

A partir da leitura desse fragmento, pode-se perceber que o índio era retratado nas obras de José de Alencar como um típico herói medieval. Ou seja, aquele *lord* capaz de salvar a donzela dos perigos. Além disso, pode-se perceber que o índio possuía superpoderes, pois conseguiu avistar mesmo de longe a onça e acertá-la. “*Nesse instante erguia a cabeça e*

fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distancia, e se agitava imperceptivelmente”.

TEXTO GERADOR IV

O texto que você vai ler a seguir é uma resenha, escrita por João da Silva Baptista. A partir da leitura do romance “*Ubirajara*”, de José de Alencar, o autor destaca aspectos gerais da obra e, com base na leitura de outros críticos, desenvolve seu próprio ponto de vista.

Ubirajara, o Senhor da Lança

Jaguarê é um jovem índio da tribo araguaia, filho de Camacã, líder supremo. Apesar de sua fama como exímio caçador, o rapaz deseja realizar uma façanha de guerra e assim receber um nome de guerreiro e galgar melhores posições junto ao seu povo. Mas o que antes era uma busca por realização pessoal torna-se uma épica jornada de amor e superação, quando Jaguarê se encontra por acaso com Araci, bela filha do chefe dos tocantins. Apesar do interesse mútuo, os jovens são de tribos rivais e Jaguarê sequer tem a posição social necessária para disputar o amor de Araci.

A oportunidade surge então para o rapaz quando, pouco depois de se despedir de Araci, Jaguarê encontra Pojucã, campeão dos tocantins. Numa luta equilibrada, Jaguarê acaba perdendo sua lança para o adversário, que não imaginava que a arma obedecia apenas a seu mestre. A lança se volta contra Pojucã, que acaba derrotado. Assim Jaguarê, por ter vencido o mais forte guerreiro dos tocantins, assume o nome de Ubirajara, o senhor da lança.

Escrito por José de Alencar e publicado em 1874, esse romance indianista apresenta um texto composto de frases e parágrafos curtos, com verbos em geral no tempo presente, o que garante ao texto certo dinamismo. Alencar procura valorizar um vocabulário indígena, o que pode muitas vezes soar estranho e artificial.

Ao contrário de muitos romances de Alencar, “Ubirajara” procura explorar as cenas de ação sem deixar de fora o sangue e a violência. Um dos combates em especial nos faz lembrar das lutas de imobilização nos hoje famosos torneios de MMA.

“Os dois campeões recuaram passo a passo até que se acharam a um tiro de arco. Então soltaram o grito de guerra e se arremessaram um contra o outro brandindo o tacape. Os tacapes toparam no ar e os dois guerreiros rodaram como as torrentes impetuosas no remoinho da Itaoca.

Dez vezes as clavas bateram, e dez vezes volveram para bater de novo. Os animais que passavam na floresta fugiram espavoridos, como se a borrasca ribombasse no céu.

Ainda uma vez encontraram-se os dois tacapes e voaram em lascas pelos ares.

— O ubiratã é forte; mas há outro ubiratã que lhe resiste. Como o braço de Pojucã é que não há outro braço. Já viste, jovem caçador, o veado nas garras da jibóia? Assim vais morrer.

— Se tu fosses a cascavel que somente sabe morder, Jaguarê te esmagaria a cabeça com o pé e seguiria seu caminho. Mas tu és a jibóia feroz; e Jaguarê gosta de estrangular a jibóia. Não morrerás pelo pé, mas pela mão do caçador. Lança teu bote, guerreiro tocantim. Pojucã estendeu os braços e estreitou os rins de Jaguarê, que por sua vez cingiu os lombos do guerreiro.

Cada um dos campeões pôs na luta todas as suas forças, bastantes para arrancar o tronco mais robusto da mata.

Ambos, porém, ficaram imóveis. Eram dois jatobás que nasceram juntos e entrelaçaram os galhos ligando-se no mesmo tronco.”

O trecho acima ilustra um dos muitos momentos em que a ação recebe grande destaque no enredo.

É importante observar que Alencar, normalmente tão descritivo, acaba sendo sucinto demais em suas descrições. Acredito que isso rouba um pouco a força do romance. Outro aspecto que deve ser destacado é o uso dos nomes próprios pelos personagens e como o próprio herói muda de nome ao longo da aventura. Jaguarê, após se tornar Ubirajara, dias depois adota o nome de Jurandir, que usará enquanto disputar o amor de Araci. A despeito dos preconceitos presentes na obra, vale lembrar que existia sim um projeto indianista de valorização nacional. Não cabe aqui a discussão ou defesa desse projeto. Aponto somente que a literatura também cria os seus mitos e tradições, que vão além das lendas orais. Vale destacar assim textos como O Hobbit e O Senhor dos Anéis, tão em voga ultimamente.

Em que Ubirajara se aproxima dessas narrativas épicas? Primeiramente, na posição do herói. Guardadas as devidas proporções, o protagonista do romance de Alencar, assim como os personagens dos livros de J.R.R. Tolkien, enfrenta uma série de desafios, todos ligados a jornadas. O herói está em trânsito constante, símbolo das mudanças a que todo protagonista está submetido. Essas mudanças marcarão o crescimento desse herói. No caso do protagonista do romance indianista, essa mudança também está marcada nos diferentes nomes que o herói assume ao longo de sua jornada.

Da mesma forma que no livro O Hobbit, há em Ubirajara um desafio a ser alcançado. No romance britânico, o desafio é encontrar o tesouro e enfrentar o maligno dragão Smaug. E a busca desse objetivo acaba por desencadear uma terrível guerra. Em Ubirajara, o tesouro é o amor da jovem Araci, filha do chefe supremo dos tocantins. Os acontecimentos que envolvem a disputa pela jovem lançam também Ubirajara em uma guerra que irá selar o destino das tribos.

Por esses e outros motivos, Ubirajara pode apresentar-se ao leitor como uma agradável surpresa. No que se espera uma leitura enfadonha, arcaica, a grande surpresa poderá se apresentar na descoberta de um texto dinâmico e ágil, repleto de romance e aventuras.

Extraído de: <http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/4803>

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 3

A resenha lida, de autoria de João da Silva Baptista, apresenta o romance “Ubirajara”, de José de Alencar. Nela, o autor, expõe de maneira crítica seu ponto de vista em relação ao romance, e, para isso, faz questão de chamar a atenção para sua importância e para algumas de suas características, além de fazer um breve resumo da obra e compará-la a outras obras estrangeiras. A partir dessas observações, responda:

Baseado na leitura do texto, identifique um trecho em que o autor comenta criticamente a abordagem do índio na obra “Ubirajara”.

Habilidade trabalhada

Reconhecer na resenha a finalidade de expor criticamente um ponto de vista sobre manifestações artísticas.

Resposta comentada

Espera-se que o aluno perceba que o autor considera o personagem Ubirajara a típica figura do herói nacional, inclusive fazendo comparações entre este e os personagens de outras narrativas épicas atuais.

Trechos com comentário do autor: “Apesar de sua fama como exímio caçador, o rapaz deseja realizar uma façanha de guerra e assim receber um nome de guerreiro e galgar melhores posições junto ao seu povo”.

“Em que Ubirajara se aproxima dessas narrativas épicas? Primeiramente, na posição do herói. Guardadas as devidas proporções, o protagonista do romance de Alencar, assim como os personagens dos livros de J.R.R. Tolkien, enfrenta uma série de desafios, todos ligados a jornadas. O herói está em trânsito constante, símbolo das mudanças a que todo protagonista está submetido. Essas mudanças marcarão o crescimento desse herói. No caso

do protagonista do romance indianista, essa mudança também está marcada nos diferentes nomes que o herói assume ao longo de sua jornada.”

AVALIAÇÃO

A partir da implementação do Roteiro de Atividades em sala de aula, pude perceber uma mudança dos alunos em relação ao conteúdo abordado em sala, pois conseguiram desenvolvê-lo melhor que o primeiro roteiro trabalhado antes. Os alunos se demonstraram mais interessados do que antes. Até mesmo quando eu levei questões anteriores do saerjinho, eles conseguiram elucidá-las rapidamente, sem a minha ajuda. Inclusive, no teste aplicado em sala, o rendimento deles foi bastante satisfatório. Até mesmo o comportamento de alguns alunos mudou bastante do início do ano para cá, pois quando o projeto político pedagógico da escola foi trabalhado em sala, todos fizeram questão de participar, pedindo para fazer algo.

Na questão de número um, os alunos tiveram um pouco de dificuldade para organizar as ideias e colocá-las no papel. Eles tinham o conhecimento do papel da mulher na sociedade do século XIX, mas não conseguiam produzir uma resposta, tampouco achar o trecho no texto. Nesse momento, houve a necessidade de ir ao quadro e fazer uma breve revisão com eles. A partir daí, ficou mais fácil organizar as ideias e depois colocá-las no papel. Essa questão foi considerada por eles a mais complicada, pois demandava um conhecimento mais aprofundado da história também. Já a questão de número dois foi elucidada rapidamente, em virtude das aulas anteriores sobre os termos essenciais da oração, sendo considerada por eles a de mais fácil resolução. A questão de número três, principalmente, foi a que exigiu a volta ao texto lido, coisa que eles não gostam muito de fazer, mais por preguiça e falta de paciência mesmo. Se o aluno não voltasse ao texto, dificilmente acertaria, pois se trata de coesão referencial. Somente após a volta ao texto é que a questão foi elucidada corretamente. A questão de número quatro foi rapidamente elucidada após a breve explicação no quadro.

As questões de número cinco, seis e sete foram consideradas as mais difíceis e mais trabalhosas, visto que exigia deles um esforço maior em relação à escrita de textos. Torno a repetir, é uma questão muito complicada para os nossos alunos a produção de texto. Não

entendi por que motivo não colocar a disciplina Leitura e Produção Textual também para o 2º ano do ensino médio, pois os alunos chegam até aqui com uma limitação muito grande, que é refletida na hora de se trabalhar resumo e resenha. Se eu não tivesse ido ao quadro ensiná-los como se fazer um resumo (começando antes pela paráfrase) e, posteriormente, como se fazer uma resenha, dificilmente eles teriam elucidado essas questões de forma rápida e do jeito correto.